

Barreto propõe uma nova saída brasileira

A criação de um modelo econômico voltado especificamente para as pretensões sociais, culturais e econômicas dos países em via de desenvolvimento é a principal sugestão apresentada pelo presidente da Confederação das Associações Comerciais do Brasil, Ruy Barreto, como forma de viabilizar e consolidar a posição brasileira de nação que almeja tornar-se uma potência.

Mesmo reconhecendo seus despreparo como economista, acha que a situação internacional apresentada pelos países mais desenvolvidos e o progresso dos países asiáticos indicam que os manuais clássicos de economia devem ser esquecidos. "Devemos criar um manual próprio para os países do 3º mundo e guardar os existentes para consultas históricas", ressalta.

Dentro dessa linha de raciocínio, Rui Barreto considera impraticável para o Brasil a colocação de um processo recessivo como solução para os problemas de natureza econômica que o País atravessa. Na sua opinião, a recessão é uma medida própria e clássica para nações desenvolvidas, que já atingiram o estágio de "terminadas", ou seja, a fase de exaustão de toda a sua potencialidade.

— Esse não é o caso do Brasil — continua — que agora começa a arranhar suas potencialidades e, ao contrário dos países desenvolvidos, precisa gerar sempre mais empregos, ocupar seu vasto território, educar seu povo e criar toda uma infra-estrutura de apoio social.

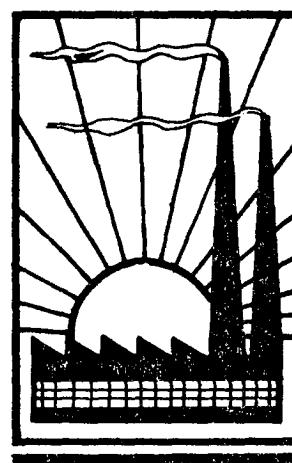
Pelos motivos apontados, o presidente da Confederação das Associações Comerciais do Brasil lamenta que todos os estudos econômicos e as formas de combate à inflação "passem sempre pelo caminho da recessão", sistema clássico que sempre foi importado de países mais desenvolvidos da área da Europa e do próprio Estados Unidos".

Baseando suas propostas de desenvolvimento econômico com base nos modelos utilizados por alguns países asiáticos, que conhece muito bem pelas suas andanças como empresário interessado na exportação de vários produtos (principalmente café solúvel produzido por uma das suas empresas), Rui Barreto ressalta que os responsáveis pelos destinos naquela região têm procurado demonstrar ao mundo que existem outras formas de resolver seus problemas sem recorrerem a formas clássicas. "E nes-

se ponto, o Brasil tem realmente um perfil econômico e social que o diferencia dos países que adotam a recessão como solução, razão pela qual seria conveniente que os nossos administradores visitassem e vissem o que está acontecendo no Sudeste Asiático".

SOLUÇÕES BRASILEIRAS

Para Rui Barreto, as soluções brasileiras devem ser tomadas debaixo para cima, ou seja, através da identificação dos problemas pelas bases. Como exemplo prático dessa linha filosófica, defende, de inicio, uma política de desconcentração através de uma forma tributária que permita maior projeção da importância da municipalidade no processo econômico do País, "área de um contexto nacional onde se baseia tudo".



A reconquista da esperança

Entende que essa desconcentração tem de ser de forma equilibrada, considerando as responsabilidades que hoje recaem sobre o governo federal. Na realidade, o que ele pretende é uma distribuição mais equitativa dos impostos arrecadados junto à sociedade, dando às municipalidades um quinhão maior para que, a partir daí, sejam aplicados recursos para a formação de infra-estrutura básica de desenvolvimento.

No campo das negociações externas, Rui Barreto, diante da sua longa atividade de exportador, recomenda duas linhas que considera decisivas para um resultado crescente e positivo da balança comercial brasileira: estabelecer metas específicas que não passem, necessariamente, por uma política de subsídios; e a definição do perfil de consumo externo, para que se saiba o que produzir

para exportar com vantagens competitivas.

Essas tarefas, na sua opinião, são viáveis de aplicação prática, pelo fato de o Brasil possuir invejável perfil no mercado externo. E explica: "não dependemos de nenhum produto, pois temos uma pauta bastante diversificada. Café, por exemplo, que é o nosso principal produto pesa apenas 7% na nossa pauta de exportações e o açúcar só 4%. O mesmo não ocorre com Cuba que depende de 70% das suas vendas externas de açúcar, ou da Argentina onde a produção agrícola tem grande peso. A nossa diversificação no mercado externo também é notável, uma vez que 22% das exportações estão concentradas nos países do Mercado Comum Europeu, 18% na América Latina e apenas 15% nos Estados Unidos.

Segundo Rui Barreto, o Brasil está hoje espalhado no mundo inteiro e, se por algum motivo determinado bloco de países está numa situação economicamente adversa, "isso não afetará toda a nossa economia, porque adotamos uma política exportadora bem diversificada".

Mas, essa diversificação deve receber tratamento mais específico, para sair da forma genérica como o comércio exterior brasileiro vem sendo tratado. "Precisamos adotar uma política mais agressiva para colocação de produtos e conquista de mercados, verificando qual o nível de competitividade dos nossos parceiros e o seu potencial, para que possamos eliminar as vantagens comparativas dentro do mercado internacional".

Dentro desse quadro, considera fundamental que se estabeleça acordos comerciais do tipo aplicado ao café, como forma de amenizar adversidades recíprocas, pois "os nossos competidores estão passando pelos mesmos problemas que enfrentamos". Mesmo assim, não descarta a necessidade de certas salvaguardas como, por exemplo, limitar as vendas de rações animais para os nossos competidores no mercado exportador de carne.

Para o presidente da Confederação das Associações Comerciais do Brasil, apesar de não ver no quadro eleitoral alterações no comando da política brasileira, atuando como uma "espécie de divisor de águas", as eleições de novembro "terão grande importância no que diz respeito ao processo de responsabilidade conjunta entre Governo e a classe empresarial nos destinos do País, dentro dos princípios democráticos".